

AUTOR EM DESTAQUE

FEVEREIRO 2021



ANTÓNIO DAMÁSIO

Biografia:

António Rosa Damásio GOSE (Lisboa, 25 de fevereiro de 1944) é um médico neurologista, neurocientista português que trabalha no estudo do cérebro e das emoções humanas. É professor de neurociência na Universidade do Sul da Califórnia. Além de ter escrito o grande livro "*O Erro de Descartes*" que mudou a ideia das pessoas verem a junção "da razão e emoção" na qual por seus estudos ele "aposta" que o sistema límbico (parte do cérebro que controla as emoções e ações básicas) e o neocórtex (parte da razão) estão relacionadas pois trabalham sempre em conjunto. Sua frase mais icônica do livro é: "[...] toda e qualquer expressão racional está baseada em emoções".

Licenciou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde veio também a doutorar-se. Após uma estadia no Centro de Investigação da Afasia de Boston (Estados Unidos), regressou ao Departamento de Neurologia do Hospital de Santa Maria.

A 9 de junho de 1995 foi feito Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada juntamente com sua mulher Hanna Damásio. Entre os anos de 1996-2005 Damásio trabalhou no hospital da Universidade de Iowa.

Publicou o seu primeiro livro: *O Erro de Descartes, Emoção, Razão e o Cérebro Humano* assim como *O Sentimento de Si* (2001), eleito um dos dez livros do ano pelo The New York Times. Também escreveu "*Ao encontro de Espinosa*". Recebeu, entre muitos outros prémios, o Prémio Pessoa e o Prémio Príncipe das Astúrias de Investigação Científica e Técnica em junho de 2005. Em 2010 editou o seu livro "*O Livro da Consciência*"

Estudioso de neurobiologia do comportamento humano e investigador das áreas cerebrais responsáveis pela tomada de decisões e conduta. Observou o comportamento em centenas de doentes com lesões no córtex pré-frontal, permitindo concluir que, embora a capacidade intelectual se mantivesse intacta, esses doentes apresentavam mudanças constantes do comportamento social e incapacidade de estabelecer e respeitar regras sociais.

Os seus estudos debruçam-se sobre a área designada por ciência cognitiva, e têm sido decisivos para o conhecimento das bases cerebrais da linguagem e da memória.

Tem uma escola secundária com o seu nome em Lisboa.

Tomou posse como membro do Conselho de Estado, por designação do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, a 24 de abril de 2017, em substituição de António Guterres, entretanto eleito Secretário-Geral da ONU.

Prémios e distinções:

Prémio Honda (2010), atribuído pela Fundação Honda, no valor de oitenta mil euros, aproximadamente;

Prémio Richard Wollheim, Londres, 2005;

Prémio Príncipe das Astúrias de Investigação Científica e Técnica, 2004;

Prémio Signoret para as Neurociências Cognitivas (em conjunto com Hanna Damásio), 2003;^[4]

Doutoramento *Honoris causa* pela Universidade de Aveiro (2003);^[5]

Prémio Nonino; 2002, nomeado "Pesquisador altamente citado" em Neurociência pelo Instituto para a Informação Científica, 2000;

Prémio Reenpää, Finlândia, 1997;

Prémio Neuroplasticidade, Fundação Ipsen, 1995;

Prémio Golden Brain (Berkeley), 1995;

Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada de Portugal, 9 de Junho de 1995;^[1]

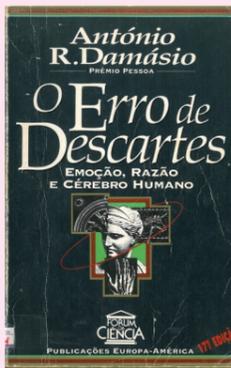
Prémio Pessoa (em conjunto com Hanna Damasio);^[6]

Prémio Grawemeyer 2014 na área da Psicologia.^[7]

Medalha Freud 2017 na área da neurobiologia da mente.^[8]

Prémio Vida e Obra de Autor Nacional - Sociedade Portuguesa de Autores 2018

Na Biblioteka pode ler:

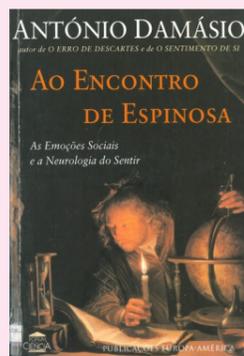


São, hoje em dia, bem conhecidos os mecanismos fisiológicos que se encontram associados a fenómenos como a respiração ou a circulação sanguínea. Mas que têm os cientistas a dizer acerca dos mecanismos que suportam a recordação de uma paisagem, uma sensação de alegria ou um raciocínio conducente a uma tomada de decisão? Existe alguma correspondência entre estados mentais e estados cerebrais específicos? Qual é a relação entre a mente e o cérebro? É o ser humano, como propôs Descartes, composto por uma substância sem dimensão espacial (*res cogitans* - que pensa) e uma outra com dimensão espacial (*res extensa* - que come, respira e caminha), misteriosamente unidas num recanto perdido do cérebro?

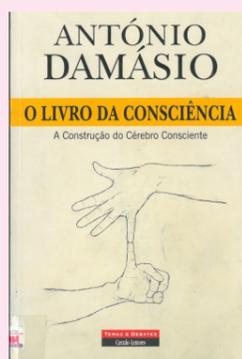
Estas são algumas das interrogações que um amigo imaginário de António Damásio lhe coloca e que dão origem a uma animada conversa que acompanhamos ao longo do livro, atentos e deliciados. E, se António Damásio reconhece ter tido com esta conversa a oportunidade de pôr em ordem as suas ideias, o seu amigo, que pode bem ser qualquer um de nós, retirou vantagens não menores ao beneficiar de uma lição magistral onde muitos dos aspectos mais intrigantes



Neste novo livro, que tem sido recebido por cientistas e artistas com as críticas mais calorosas e elogiosas, o neurologista e humanista António Damásio confronta o mistério da consciência. Como é que chegamos a saber? Como é que a mente desenvolve o sentido de si? Depois de ler "O Erro de Descartes", hoje traduzido em mais de vinte línguas, Jonas Salk escreveu: «Nunca mais conseguiremos olhar para nós ou para o outro sem nos interrogarmos sobre o que se passa por detrás dos olhos que assim se encontram». Em O Sentimento de Si, Damásio avança no mesmo caminho de descoberta e mostra como «a consciência é a chave para uma vida examinada».

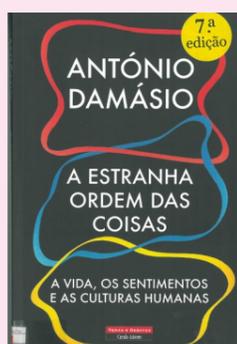


"Ao Encontro de Espinosa", novo livro do neurologista português radicado nos EUA, António Damásio, vem encerrar a trilogia iniciada com "O Erro de Descartes" e continuada com "O Sentimento de Si". Depois de visitar Descartes e atribuir-lhe o erro de ter defendido a separação entre mente e corpo, Damásio encontra agora Espinosa, que unificou os dois e simultaneamente compreendeu o papel que têm as emoções na sobrevivência da espécie da cultura humana. Neste novo livro, o neurologista analisa descobertas recentes da sua área de investigação (ele dirige o Departamento de Neurologia da Universidade de Iowa, E. U.) e combina-as com a reflexão em torno da contribuição pioneira do filósofo Espinosa para a ciência moderna. No seguimento do sucesso dos dois primeiros livros (traduzidos em mais de vinte línguas e estudados pelo mundo fora), o médico e cientista português dá à estampa um novo trabalho científico e humanístico, profundo e, ao mesmo tempo, ao alcance do leitor comum, concentrando as suas investigações nas emoções e sentimentos, e demonstrando que alegria, tristeza, ciúme e temor são pedras de toque de toda a organização social.



Como é que o cérebro constrói uma mente? E como é que o cérebro torna essa mente consciente? Qual a estrutura necessária ao cérebro humano e qual a forma como tem de funcionar para que surjam mentes conscientes?

Há mais de trinta anos que o neurocientista António Damásio estuda a mente e o cérebro humanos e é autor de vasta obra publicada em livros e artigos científicos. No entanto, formulou o presente livro como um recomeço, quando a reflexão sobre descobertas importantes da investigação, recentes e antigas, alterou profundamente o seu ponto de vista em duas questões particulares: a origem e a natureza dos sentimentos, e os mecanismos por detrás do eu.



O que levou os seres humanos a criar culturas, esse conjunto impressionante de práticas e instrumentos onde se incluem a arte, os sistemas morais e a justiça, a governação, a economia política, a tecnologia e a ciência? A resposta habitual a esta pergunta remete para a excepcional inteligência humana, auxiliada por uma faculdade ímpar: a linguagem. Em A Estranha Ordem das Coisas, António Damásio proporciona uma resposta diferente. Ele afirma que os sentimentos - de dor, sofrimento ou prazer antecipado - foram as forças motrizes primordiais do empreendimento cultural, os mecanismos que impulsionaram o intelecto humano na direção da cultura. Além disso, propõe que os sentimentos monitorizaram o sucesso ou o fracasso das nossas invenções culturais e permanecem, ainda hoje, envolvidos nas operações subjacentes ao processo cultural, para o melhor e para o pior.

A interação favorável e desfavorável de sentimento e razão deve ser reconhecida se quisermos compreender os conflitos e as contradições que afligem a condição humana, desde os dramas humanos pessoais até às crises políticas.